



Uma Análise Histórica, Filosófica e Teológica

**Ex-Maçom**

## ÍNDICE DIGITAL

- **PREFÁCIO**
- **INTRODUÇÃO**
- **CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO EMBATE**
  - 1.1 As Origens do Cristianismo Primitivo e sua Evolução
  - 1.2 A Transição da Maçonaria: Do Operativo ao Especulativo
  - 1.3 O Iluminismo e o Surgimento das Primeiras Tensões
- **CAPÍTULO II: CONCEÇÕES TEOLÓGICAS E A NATUREZA DA DIVINDADE**
  - 2.1 O Deus Triuno e Teísta do Cristianismo
  - 2.2 O Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.) na Maçonaria
  - 2.3 O Volume da Santa Lei
- **CAPÍTULO III: ESCATOLOGIA, SALVAÇÃO E O APERFEIÇOAMENTO DO HOMEM**
  - 3.1 A Salvação Cristã pela Graça e Fé
  - 3.2 O Aperfeiçoamento Maçônico: A Lapidação da Pedra Bruta
- **CAPÍTULO IV: RITUAIS, SÍMBOLOS E O MÉTODO INICIÁTICO**
  - 4.1 Os Sacramentos Cristãos e a Liturgia Pública
  - 4.2 O Método Iniciático e os Símbolos Maçônicos
- **CAPÍTULO V: ANÁLISE SISTEMÁTICA COMPARATIVA (TABELA DE CONFRONTO)**
- **CAPÍTULO VI: AS POSIÇÕES INSTITUCIONAIS E CONFLITOS**
  - 6.1 A Posição da Igreja Católica Apostólica Romana
    - *O Impacto e os Fundamentos da Bula Ineminenti Specula (1738)*
  - 6.2 As Perspectivas das Igrejas Protestantes e Evangélicas
- **CONTEXTO ADICIONAL: A ABERTURA AO PROTESTANTISMO NO BRASIL**
  - A Aliança com a Inglaterra e a Abertura dos Portos (1808–1810)
  - O Apoio Imperial à Imigração Europeia
  - O Surgimento do Protestantismo de Missão e a Aliança Maçônica
  - A Proclamação da República e a Liberdade de Culto (1889)
- **CAPÍTULO VII: CONVERGÊNCIAS, CONVIVÊNCIA E O FUTURO DAS RELAÇÕES**
  - 7.1 Pontos de Convergência Ética e Social
  - 7.2 A Dupla Incompatibilidade vs. A Liberdade de Consciência
- **CONCLUSÃO**



## PREFÁCIO

Escrever sobre temas que tocam a fibra mais íntima da identidade humana — como a fé religiosa e a convicção iniciática — exige do pesquisador uma postura que vai além da erudição: demanda coragem, serenidade e, acima de tudo, um compromisso inabalável com a verdade histórica. Ao longo de séculos, a relação entre a Maçonaria e o Cristianismo foi sepultada sob camadas espessas de mitos, preconceitos mútuos, teorias conspiratórias e radicalismos de parte a parte. Romper essa barreira de fumaça ideológica é a grande missão a que esta obra se propõe.

O leitor encontrará nas próximas páginas não um manifesto apologético a favor de uma instituição ou um libelo condenatório contra outra. O que se apresenta aqui é uma autópsia intelectual, isenta e rigorosa, das premissas que sustentam esses dois gigantes da história ocidental. De um lado, a perenidade da mensagem salvífica de Cristo; do outro, o método secular de aperfeiçoamento humano pelo esquadro e pelo compasso.



Maçom desbastando pedra bruta

Ao traçar essa linha do tempo — que viaja desde as corporações de ofício medievais até a complexa realidade do pluralismo religioso no Brasil contemporâneo —, a obra joga luz sobre os verdadeiros nós doutrinários e institucionais que afastam e aproximam cristãos e maçons. Compreender essas fronteiras não significa diluir convicções, mas sim iluminar a inteligência para que o debate saia do campo da superstição e retorne ao terreno nobre da história, da filosofia e da teologia. Uma leitura indispensável para mentes livres de preconceitos.

## INTRODUÇÃO

O debate entre a **Maçonaria e o Cristianismo** é um dos temas mais complexos e fascinantes da história das ideias no Ocidente. De um lado, encontra-se a maior religião do mundo em termos de adeptos, fundamentada na revelação divina e na salvação por meio de Jesus Cristo. Do outro, está a maior e mais antiga sociedade fraternal e iniciática do planeta, estruturada em torno de símbolos da arquitetura medieval e focada no aperfeiçoamento moral e intelectual do indivíduo.

Para compreender a relação entre ambas — que oscila entre a coexistência pacífica e o conflito institucional —, é necessário afastar os mitos e analisar os factos históricos, as definições estruturais e as doutrinas que regem cada uma destas instituições. Este estudo propõe uma análise isenta, profunda e estruturada sobre as convergências, divergências e o panorama histórico que une e separa os cristãos e os maçons.

## CAPÍTULO I

### CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO EMBATE

#### 1.1 As Origens do Cristianismo Primitivo e sua Evolução

O Cristianismo nasceu no século I, na província romana da Judeia, a partir dos ensinamentos, milagres e da mensagem messiânica de Jesus de Nazaré. Inicialmente visto pelas autoridades romanas como uma seita derivada do Judaísmo, o movimento enfrentou séculos de severa perseguição por recusar-se a prestar culto divino ao Imperador.

A grande virada institucional ocorreu no século IV. Com o Édito de Milão (313 d.C.), os imperadores Constantino e Licínio garantiram a liberdade religiosa. Décadas mais tarde, em 380 d.C., o Imperador Teodósio I promulgou o Édito de Tessalônica, transformando o Cristianismo na religião oficial do Império Romano. A partir daí, a Igreja consolidou sua estrutura hierárquica e teológica, moldando a cultura, a filosofia e o direito da Europa Ocidental ao longo de toda a Idade Média.





No século XVI, a centralidade institucional da Igreja de Roma foi profundamente abalada pela Reforma Protestante. Iniciada por Martinho Lutero em 1517, a Reforma fragmentou o cenário religioso ocidental em múltiplas vertentes — como o Luteranismo, o Calvinismo e o Anglicanismo. Apesar das rupturas dogmáticas e eclesiais entre católicos e protestantes, todas essas ramificações mantiveram a essência da fé cristã: a crença na Santíssima Trindade, a autoridade das Escrituras Sagradas e a salvação por meio do sacrifício de Jesus Cristo.





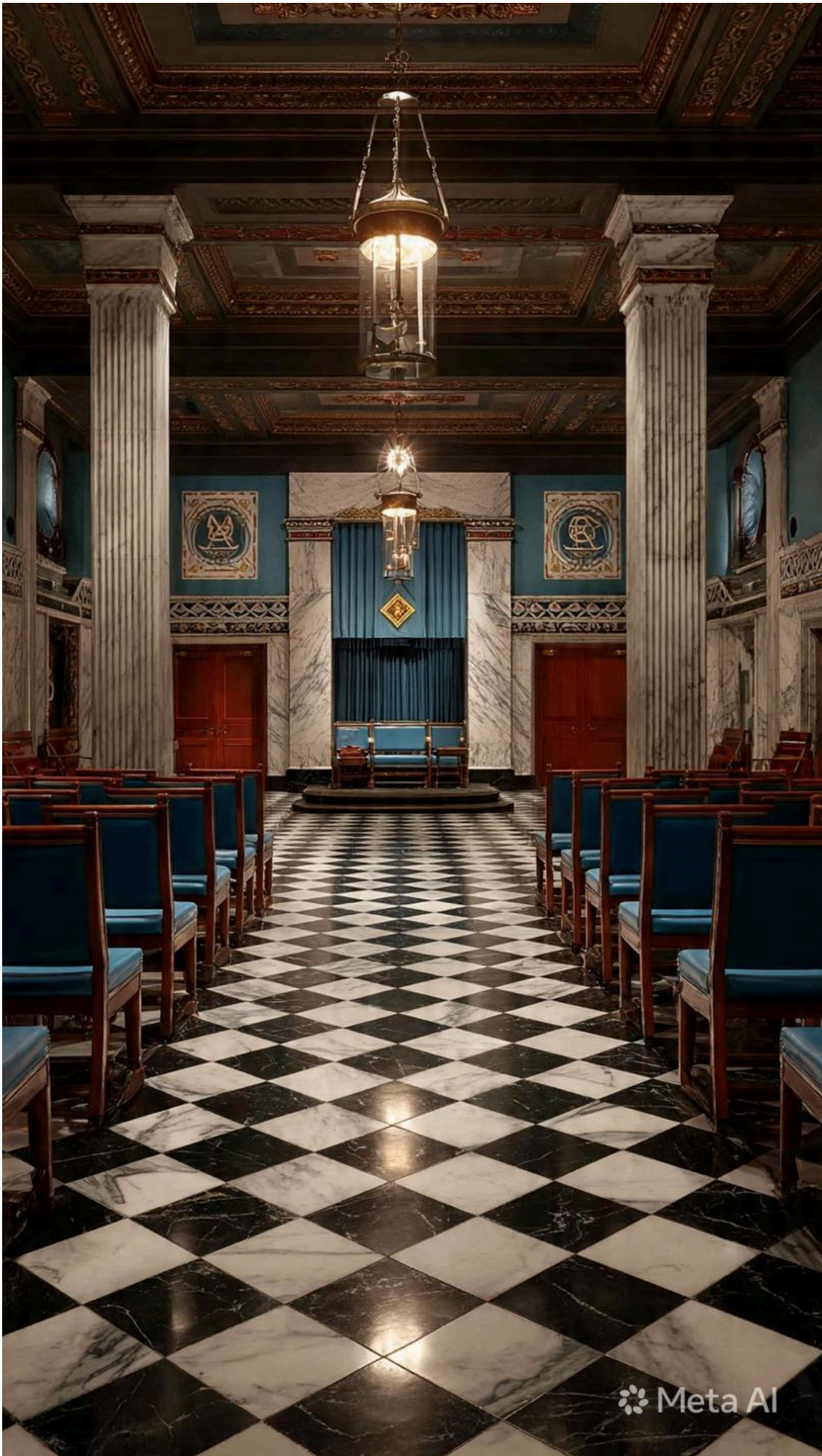
**Martinho Lutero e a Reforma Protestante**

## **1.2 A Transição da Maçonaria: Do Operativo ao Especulativo**

A Maçonaria, por sua vez, possui raízes históricas que remontam às corporações de ofício da Idade Média, formadas pelos pedreiros e mestres construtores de catedrais e castelos (os chamados \*masons\*). Esses profissionais viajavam por toda a Europa e, para proteger os segredos técnicos de sua arte — que envolviam matemática aplicada, geometria e engenharia —, organizavam-se em associações fechadas chamadas "Lojas". Essa fase primitiva, puramente corporativa e ligada ao trabalho manual na pedra, é denominada pela historiografia como Maçonaria Operativa.

Com o fim da era das grandes construções góticas e a efervescência cultural do Renascimento, essas corporações começaram a declinar em sua função prática. Para sobreviver, as Lojas passaram a admitir membros "aceitos", ou seja, homens alheios ao ofício de pedreiro, mas que possuíam destaque intelectual, político ou financeiro.





## Loja maçônica

A transição definitiva para a Maçonaria Especulativa ou Filosófica consolidou-se em 24 de junho de 1717, quando quatro Lojas londrinas se reuniram na Taverna \*Goose and Gridiron\* para fundar a Grande Loja de Londres. A partir desse marco, as ferramentas físicas do pedreiro foram ressignificadas: o Esquadro passou a medir a retidão das ações humanas, o Compasso delimitou as paixões, e o cinzel passou a lapidar o próprio caráter do indivíduo, transformando a arte de construir edifícios na arte de edificar uma sociedade melhor.

### 1.3 O Iluminismo e o Surgimento das Primeiras Tensões

O nascimento da Maçonaria Especulativa coincidiu cronologicamente com o Iluminismo, movimento intelectual do século XVIII que colocava a razão, a ciência e a liberdade individual acima do absolutismo monárquico e do dogmatismo religioso. As Lojas Maçônicas funcionavam como raros refúgios de livre debate, onde homens de diferentes origens sociais e religiosas podiam dialogar horizontalmente sob os princípios da tolerância e da igualdade.

No entanto, essa abertura ecumênica e o sigilo rigoroso que envolvia os rituais começaram a ser vistos com extrema desconfiança pelas monarquias absolutistas e pelo clero. Para as autoridades vigentes, uma associação que promovia o livre pensamento por trás de portas fechadas representava uma ameaça velada à ordem política estabelecida e à exclusividade doutrinária das igrejas estatais, plantando as sementes dos conflitos seculares que viriam a seguir.

## CAPÍTULO II

### CONCEPÇÕES TEOLÓGICAS E A NATUREZA DA DIVINDADE

#### 2.1 O Deus Triuno e Teísta do Cristianismo

A divergência fundamental entre o Cristianismo e a Maçonaria reside em suas premissas teológicas básicas. O Cristianismo fundamenta-se em um Deus estritamente teísta e pessoal, que não apenas criou o universo, mas intervém ativamente na história da humanidade e na vida cotidiana dos fiéis.

O núcleo da teologia cristã baseia-se no mistério da Santíssima Trindade: a crença em um único Deus subsistente em três Pessoas distintas e consubstanciais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Esse Deus autorevelou-se plenamente por meio da encarnação de Jesus Cristo e cujas verdades estão registradas nos cânones das Escrituras Sagradas. No Cristianismo, a verdade sobre Deus é absoluta,



dogmática e imutável, rejeitando qualquer tentativa de relativização ou sincretismo que descaracterize a exclusividade da Revelação Divina.

## 2.2 O Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.) na Maçonaria

Inversamente, a Maçonaria não se autodefine como religião, não possui teologia e recusa-se categoricamente a formular dogmas sobre a natureza divina. Para cumprir seu propósito de fraternidade universal e permitir a convivência pacífica entre homens de diferentes fés, a Ordem adota o conceito filosófico e abstrato de Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.).



O Grande Arquiteto do Universo

O G.A.D.U. não é um Deus específico ou uma nova divindade criada pelas Lojas, mas sim um símbolo ordenador que representa o Princípio Criador que rege o cosmos. A Maçonaria exige de seus membros a crença inabalável em um Ente Supremo, porém confere total liberdade de consciência para que cada maçom interprete esse conceito de acordo com a sua própria religião pessoal. Assim, para um maçom cristão, o G.A.D.U. é a Santíssima Trindade; para um judeu, é Yahweh; para um muçulmano, é Alá. A Ordem não ensina como Deus deve ser adorado e não interfere nas convicções teológicas de seus iniciados.



## 2.3 O Volume da Santa Lei

A presença da sacralidade nas Lojas se manifesta por meio do chamado Volume da Santa Lei (V.S.L.), uma das Três Grandes Luzes da Maçonaria, sem a qual nenhuma sessão regular pode ser aberta. O V.S.L. representa o Livro Sagrado da revelação espiritual que guia a moral do indivíduo.

Em países ocidentais de tradição predominantemente cristã, a Bíblia Sagrada ocupa o altar da Loja. Contudo, o caráter ecumênico da Maçonaria prevê que, se um candidato for de outra fé, o Alcorão, a Torá, ou os Vedas podem ser abertos sobre o mesmo altar. Para a ótica maçônica, o livro físico simboliza o compromisso moral do homem perante a sua própria fé; para a ótica cristã tradicional, contudo, dispor a Bíblia em igualdade de condições com outros textos sagrados é frequentemente interpretado como um sinal de relativismo teológico.

## CAPÍTULO III

### ESCATOLOGIA, SALVAÇÃO E O APERFEIÇOAMENTO DO HOMEM

#### 3.1 A Salvação Cristã pela Graça e Fé

No plano da escatologia e do destino pós-morte, as duas instituições operam em dimensões completamente distintas. A antropologia cristã sustenta que o ser humano, após a queda primordial, carrega a marca do pecado original, o que o torna incapaz de reconciliar-se com Deus por suas próprias forças ou méritos.



## Batismo por imersão

A salvação da alma e a garantia da vida eterna, portanto, são entendidas no Cristianismo como uma Graça — um dom inteiramente gratuito de Deus, que não pode ser comprado ou conquistado por meio de obras de caridade ou evolução intelectual. O único caminho de redenção é a fé no sacrifício expiatório de Jesus Cristo na cruz e a aceitação de sua soberania. As boas obras realizadas pelo cristão não são a causa de sua salvação, mas sim o fruto visível e natural de uma vida verdadeiramente regenerada pela fé.

### **3.2 O Aperfeiçoamento Maçônico: A Lapidação da Pedra Bruta**

A Maçonaria não concorre com as religiões no tocante à salvação da alma ou à vida extraterrena, pois não possui uma doutrina de redenção. Seu foco está estritamente voltado para o aprimoramento moral e ético do indivíduo no mundo fenomênico, processo que é simbolizado pela alegoria da "Pedra Bruta".

O homem ao ser iniciado entra na Loja representando uma pedra áspera, talhada sem polimento, cheia de imperfeições herdadas dos preconceitos, vícios e ignorância do mundo profano. Através do estudo filosófico, do autocontrole e da prática constante da filantropia, ele deve trabalhar simbolicamente com o maço e o cinzel para transformar-se em uma "Pedra Polida", tornando-se apto a encaixar-se perfeitamente no Grande Templo da Humanidade.

Embora a Maçonaria postule a imortalidade da alma e se refira à morte física como a passagem do irmão para o "Oriente Eterno", ela se abstém de definir os critérios espirituais dessa transição, deixando essa responsabilidade inteiramente sob o encargo da religião pessoal de cada membro.

## **CAPÍTULO IV**

### **RITUAIS, SÍMBOLOS E O MÉTODO INICIÁTICO**

#### **4.1 Os Sacramentos Cristãos e a Liturgia Pública**

Os rituais no Cristianismo possuem uma dimensão litúrgica e sacramental profunda, especialmente nas tradições Católica, Ortodoxa e Anglicana. Os Sacramentos (como o Batismo, a Crisma e a Eucaristia) são definidos pela teologia como sinais visíveis de uma graça invisível, instituídos pelo próprio Cristo para a santificação dos fiéis.

A liturgia cristã não é uma encenação pedagógica ou teatral; ela é um ato de adoração em que se crê na presença real e espiritual do divino operando nos sacramentos. Além disso, a Igreja atua sob o mandato da transparência universal:

seus cultos, missas e sacramentos são públicos, abertos a toda a humanidade, sem distinção ou necessidade de iniciações secretas para a compreensão da mensagem salvífica do Evangelho.

#### 4.2 O Método Iniciático e os Símbolos Maçônicos

A Maçonaria, por outro lado, adota uma pedagogia puramente iniciática, alegórica e reservada aos seus membros. Seus rituais não possuem eficácia sacramental e não pretendem perdoar pecados; são dramas teatrais destinados a gravar ensinamentos morais na mente do iniciado através do impacto dos símbolos.



Ritual maçônico

\* \*\*O Esquadro e o Compasso:\*\* O Esquadro, que regula os ângulos retos, lembra ao maçom que suas ações devem ser pautadas pela retidão, justiça e moralidade perante o próximo. O Compasso, que traça círculos em torno de um centro fixo, representa a autodisciplina e o limite que o indivíduo deve impor aos seus desejos e paixões na sociedade.

\* \*\*O Prumo e o Nível:\*\* O Prumo ensina a retidão vertical do caráter, a integridade que impede o homem de curvar-se à corrupção e à baixeza. O Nível simboliza a igualdade horizontal essencial de todos os seres humanos perante o Criador, independentemente de títulos, linhagens ou riquezas acumuladas no mundo exterior.





### O maço e o nível símbolos maçônicos

\* \*\*O Segredo Maçônico:\*\* Historicamente, o segredo foi o ponto que mais gerou atritos com as autoridades eclesiásticas. Na Maçonaria contemporânea, contudo, esse segredo não oculta conspirações políticas ou heresias; ele consiste em um método tradicional de preservação de palavras de passe, sinais e toques manuais herdados dos pedreiros medievais para reconhecimento mútuo. Trata-se de uma ferramenta pedagógica: o aprendizado maçônico deve ser vivenciado de forma gradual e individual através da experiência ritualística interna.

## CAPÍTULO V

### AS POSIÇÕES INSTITUCIONAIS E CONFLITOS

#### 5.1 A Posição da Igreja Católica Apostólica Romana

A Igreja Católica é, historicamente, a instituição que manifestou a oposição mais vigorosa, perene e formal à Maçonaria. Essa postura secular não se baseou em meros desentendimentos políticos sazonais, mas sim em uma profunda incompatibilidade doutrinária que foi codificada pela primeira vez no século XVIII.

#### O Impacto e os Fundamentos da Bula *\*Ineminenti Specula* (1738)



Assinatura da bula Papal

No dia 28 de abril de 1738, o Papa Clemente XII fez história ao promulgar a Bula *\*Ineminenti Specula\**, o primeiro documento oficial da Santa Sé a tratar diretamente da Maçonaria. O pontífice justificou a intervenção urgente argumentando que precisava proteger a pureza da fé cristã e a segurança dos Estados temporais contra o avanço de uma sociedade que operava nas sombras.

Ao analisar o texto da bula, percebe-se que as principais razões invocadas por Clemente XII para condenar a Ordem centraram-se em três pilares fundamentais:

**\* \*\*O Indiferentismo Religioso:\*\*** A Igreja observou com grave preocupação que as Lojas Maçônicas reuniam homens de diversas religiões, seitas e crenças em um ambiente de total igualdade. Para a teologia católica da época, essa convivência e equiparação sugeriam que todas as religiões teriam o mesmo valor, o que feria o dogma de que a Igreja Católica é a única depositária da verdade revelada.

**\* O Caráter Secreto e a Sindicância:** O documento papal criticava duramente o véu de mistério que cobria as assembleias maçônicas. Clemente XII argumentava que, se os trabalhos realizados nas Lojas fossem intrinsecamente bons, honestos e virtuosos, os maçons não teriam tamanha necessidade de ocultá-los do escrutínio público e das autoridades eclesiásticas.

**\* O Juramento Estrito:** A exigência de um juramento inviolável sobre a Bíblia Sagrada, sob penas severas, para salvaguardar segredos que a Igreja desconhecia, foi classificada como uma perversão teológica. Para Roma, jurar fidelidade cega

a uma autoridade secular e secreta violava o livre arbítrio cristão e a submissão devida ao Magistério da Igreja.

A consequência jurídica da *\*Ineminenti Specula\** foi drástica e imediata: o Papa proibiu terminantemente que qualquer fiel católico se filiasse, apoiasse, abrigasse ou propagasse a "Sociedade dos Pedreiros Livres". A pena decretada para quem desobedecesse a essa ordem foi a excomunhão automática (*\*latae sententiae\**), cujo perdão ficava reservado exclusivamente à aprovação do próprio Sumo Pontífice.





Um maçom fazendo o juramento

Essa Bula estabeleceu o tom teológico para os séculos seguintes, servindo de alicerce para que papas posteriores — como Bento XIV (\*Providas

Romanorum\*, 1751) e Leão XIII (\*Humanum Genus\*, 1884) — renovassem as condenações, culminando na posição contemporânea da Congregação para a Doutrina da Fé que reitera que os fiéis inscritos na Ordem encontram-se em estado de pecado grave e não podem aproximar-se da Sagrada Comunhão.

## **5.2 As Perspectivas das Igrejas Protestantes e Evangélicas**

No universo protestante, as posições variam significativamente devido à autonomia de cada denominação:

\* Igrejas Tradicionais e Históricas: Denominações como a Igreja Anglicana (na Inglaterra) e algumas ramificações da Igreja Metodista e Presbiteriana nos Estados Unidos historicamente demonstraram grande tolerância. Na Grã-Bretanha, é comum que membros da nobreza e do clero anglicano façam simultaneamente parte da Maçonaria.

\* Igrejas Evangélicas e Pentecostais: A maioria das igrejas evangélicas contemporâneas, especialmente de linha pentecostal e neopentecostal, rejeita veementemente a filiação maçônica. Os argumentos centram-se na recusa de fazer juramentos (com base em Mateus 5:34) ensina: *"deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta"*. e na visão de que os rituais e termos utilizados nas lojas possuem um caráter esotérico incompatível com a exclusividade do Evangelho de Cristo.

## **A ABERTURA AO PROTESTANTISMO NO BRASIL**

### **A Aliança com a Inglaterra e a Abertura dos Portos (1808–1810)**

O primeiro apoio prático ao desenvolvimento do protestantismo no Brasil não nasceu de motivações religiosas, mas sim de acordos econômicos e políticos fundamentais para a Coroa Portuguesa. Com a chegada da família real ao Brasil em 1808 e a consequente Abertura dos Portos às Nações Amigas, o país estreitou laços profundos com a Inglaterra, uma potência majoritariamente protestante.

Em 1810, o Tratado de Comércio e Navegação assinado entre Portugal e Grã-Bretanha garantiu, pela primeira vez na história colonial e monárquica brasileira, a tolerância religiosa para os súditos ingleses residentes no Brasil. O tratado permitia que eles construíssem casas de oração e cemitérios próprios, desde que esses templos não tivessem a aparência externa de uma igreja (como torres ou sinos) e que não realizassem proselitismo (conversão) entre a população católica local.

## **O Apoio Imperial à Imigração Europeia**

Durante o Primeiro e o Segundo Reinado, o governo imperial promoveu intensamente a imigração de colonos europeus para ocupar terras no sul do país e introduzir mão de obra qualificada. Para atrair imigrantes alemães e suíços — muitos deles luteranos e calvinistas —, o Estado brasileiro precisou flexibilizar a rigidez das leis confessionais católicas.

O próprio Imperador Dom Pedro II, conhecido por sua erudição e perfil diplomático, mantinha uma postura de tolerância e simpatia intelectuais em relação aos protestantes. O governo imperial passou a subsidiar a vinda de pastores para atender às colônias de imigrantes e, gradualmente, teve que validar juridicamente os casamentos e registros de nascimento celebrados por esses ministros, uma vez que, até então, apenas os registros da Igreja Católica possuíam valor legal. Esse apoio logístico e jurídico permitiu o estabelecimento definitivo do chamado "Protestantismo de Imigração".

## **O Surgimento do Protestantismo de Missão e a Aliança Maçônica**

A partir de meados do século XIX, missionários norte-americanos e europeus de denominações tradicionais (como presbiterianos, metodistas e batistas) desembarcaram no Brasil. Diferente dos imigrantes alemães, esses grupos tinham o objetivo explícito de evangelizar a população nativa.

Eles encontraram um forte apoio político e intelectual nos setores liberais da sociedade brasileira e na **\*\*Maçonaria\*\***, que na época travava uma intensa disputa ideológica contra o ultramontanismo da Igreja Católica (conhecida como a Questão Religiosa). Os liberais viam nos missionários evangélicos aliados estratégicos para modernizar o país, pois estes traziam consigo um modelo educacional avançado. A fundação de instituições de ensino renomadas e a promoção da alfabetização por meio da leitura direta da Bíblia foram amplamente respaldadas pela elite intelectual e pelos círculos de influência — onde figuras proeminentes locais, a exemplo do articulado **Coronel Antônio Landulfo da Rocha Medrado ("Dôca" Medrado)**





**Coronel Antônio Landulfo da Rocha Medrado ("Dôca" Medrado)**

no cenário baiano, uniam prestígio político, trânsito social e apoio a ideais de modernização secular. Essa cooperação foi fundamental para respaldar os que desejavam secularizar o Estado



**Maçom paramentado**

### A Proclamação da República e a Liberdade de Culto (1889)

O apoio definitivo e a consolidação jurídica do ecossistema evangélico ocorreram com a Proclamação da República. Através do Decreto nº 119-A (redigido por Rui Barbosa) e, posteriormente, com a Constituição de 1891, o Brasil oficializou a **separação entre a Igreja e o Estado**.



A República instituiu o Estado laico, o casamento civil, a secularização dos cemitérios e garantiu a plena liberdade de culto e de associação. Livre das amarras e das perseguições do antigo padroado católico, o terreno ficou fértil para a expansão das igrejas evangélicas tradicionais e, logo no início do século XX, para o surgimento e a explosão do movimento pentecostal no país.

## CAPÍTULO VI

### CONVERGÊNCIAS, CONVIVÊNCIA E O FUTURO DAS RELAÇÕES

#### 6.1 Pontos de Convergência Ética e Social

Apesar das profundas divergências teológicas e institucionais detalhadas ao longo desta obra, existe um território comum partilhado por cristãos e maçons: a esfera da ação moral e social. Ambas as instituições colocam a caridade (ou filantropia) no centro de suas práticas externas.

O imperativo cristão de **"amar ao próximo como a si mesmo"** e a busca maçônica por aliviar o sofrimento humano encontram eco em hospitais, orfanatos e obras de assistência social ao redor do mundo. Em nível ético, virtudes como a temperança, a prudência, a justiça e a busca pela verdade são valorizadas por



ambos os lados, operando como pontes de contato humanitário na sociedade civil.

## 6.2 A Dupla Incompatibilidade vs. A Liberdade de Consciência

O nó górdio da relação reside na distinção entre a \*institucionalidade\* e a \*individualidade\*. Enquanto as instâncias oficiais da Igreja Católica e de diversas denominações evangélicas declaram formalmente a incompatibilidade da dupla pertença, no plano individual, milhares de homens ao longo da história — e na atualidade — vivenciam essa realidade sem enxergar conflito interno em suas consciências, definindo-se simultaneamente como cristãos devotos e maçons ativos.

Para esses indivíduos, a Maçonaria não compete com a Igreja no plano da salvação da alma, mas atua como uma escola complementar de aperfeiçoamento civil e moral.

## CONCLUSÃO

A análise histórica, filosófica e teológica da relação entre a Maçonaria e o Cristianismo revela que o conflito secular entre as duas instituições não decorre necessariamente de uma "guerra espiritual" mística, mas sim de uma incompatibilidade fundamental de premissas metodológicas e de governança dogmática.

O Cristianismo, como religião revelada, exige a adesão a dogmas exclusivos, à centralidade de Cristo e à submissão a uma autoridade espiritual que zela pela ortodoxia. A Maçonaria, como sociedade iniciática e universalista, adota um método pluralista e ecumênico que aboliu o dogma religioso em favor da livre investigação filosófica, permitindo que homens de credos distintos compartilhem o mesmo espaço sagrado em pé de igualdade.

Portanto, conclui-se que o atrito é essencialmente de natureza institucional e doutrinária:

\* **Para a Igreja**, a flexibilização ou relativização de suas verdades de fé em ambientes ecumênicos é vista como um perigo ao rebanho (indiferentismo).

\* **Para a Maçonaria**, a exigência de uma única verdade teológica dogmática destruiria o seu pilar fundamental: a fraternidade universal e a tolerância entre todos os homens de bem.

No cenário contemporâneo, o caminho que se desenha não é o da fusão teológica — manifestamente impossível —, mas o do respeito mútuo e do reconhecimento das esferas de atuação de cada uma. Se por um lado as barreiras dogmáticas permanecem intransponíveis no altar, por outro, no cotidiano da sociedade, a busca por um mundo mais justo, ético e solidário continua sendo um ideal em que tanto o cristão, movido pela fé, quanto o maçom, guiado pela razão e pelo esquadro, podem cooperar em prol da humanidade.

### Qual lado você prefere: O das Trevas ou o da Luz?

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Fontes Primárias e Documentos Eclesiais

- CLEMENTE XII, Papa. **Bula *Ineminenti Specula*** (28 de abril de 1738). *In*: Bullarium Romanum. Roma: Tipografia Vaticana. (Documento condenatório inicial da Igreja Católica contra a Maçonaria).
- LEÃO XIII, Papa. **Carta Encíclica *Humanum Genus*** (20 de abril de 1884). Roma: Santa Sé. (Trata da incompatibilidade filosófica entre o catolicismo e a maçonaria).
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração sobre as Associações Maçônicas** (26 de novembro de 1983). Assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger. Cidade do Vaticano: Santa Sé.
- ANDERSON, James. **The Constitutions of the Free-Masons** (As Constituições de Anderson). Londres: William Hunter, 1723. (Documento fundador da Maçonaria Especulativa moderna).
- BRASIL. **Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890**. Proíbe a intervenção da autoridade federal e estadual em matéria religiosa, consagra a liberdade de cultos e introduz a separação entre a Igreja e o Estado. Rio de Janeiro, 1890.

### 2. História, Maçonaria e Filosofia

- ASLAN, Nicola. **História da Maçonaria**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1997.
- BOUCHER, Jules. **A Simbólica Maçônica**. São Paulo: Editora Pensamento, 1993. (Obra fundamental para o entendimento do método iniciático, esquadro, compasso e o desbaste da pedra bruta).
- GOULD, Robert Freke. **The History of Freemasonry: Its Antiquities, Symbols, Constitutions, Customs and Rules**. Londres: Thomas C. Jack, 1882. (Referência clássica para a transição do período operativo para o especulativo).

- ISMAIL, Kenngo. **Desmistificando a Maçonaria**. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.

### 3. História do Protestantismo e Contexto Brasileiro

- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2002. (Analisa a chegada das missões norte-americanas no século XIX e a abertura religiosa do país).
- REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1993. (Aborda os tratados de 1810 com a Inglaterra e o impacto da imigração luterana alemã).
- VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1980. (Obra indispensável que detalha a aliança estratégica entre liberais, maçons e missionários evangélicos contra o ultramontanismo católico no Segundo Reinado).

### 4. Referências Complementares de Teologia e Sociedade

- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. (Para fundamentar os conceitos da salvação pela graça, teísmo e a doutrina da Santíssima Trindade no Cristianismo).
- STOTT, John. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 1991. (Referência teológica para a expiação e soteriologia cristã).



Por **Pr. Ângelo D. Medrado**



Pr. Batista é bacharel em Teologia com doutorado em Novo Testamento, além de Pedagogo Holístico e docente Restaurador. Consagrado Reverendo pela International Ministry of Restoration (USA), transita com propriedade entre a teologia e o desenvolvimento humano.

É autor dos livros A Maçonaria e o Cristianismo, O Cristão e a Maçonaria, A Religião do Anticristo (esgotado), Comportamento Gerencial (esgotado) e do e-book Vendas Alto Nível com Análise Transacional.(disponível em e-book)

### **O Cristão e a Maçonaria E-book**

**Vendas AltoNível com Análise Transacional para executivos de vendas  
e-book**

**Pedidos pelo whatsapp: 61986080227**

Atualização, revisão,e imagens inseridas por inteligência artificial